



Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre



Maio 2026

Intenção de Oração do Santo Padre



EVANGELIZAÇÃO

MAIO: Por uma alimentação para todos

Rezemos para que todos, desde os grandes produtores até aos pequenos consumidores, se comprometam a evitar o desperdício de alimentos e para que todos tenham acesso a uma alimentação de qualidade.

ORAÇÃO DO TERÇO ININTERRUPTA



1 a 31 de Maio

Tal como em anos anteriores, vamos promover de novo uma Jornada Ininterrupta da Oração do Terço, durante o mês de Maio, mês de Maria.

Juntos, vamos rezar o Terço ininterruptamente, em blocos de 30 minutos, todos os dias a todas as horas.

COMO SE PROCESSA?

Cada pessoa escolherá o período em que se compromete a rezar o Terço, das 00h00 às 24h00, em blocos de 30 minutos.

(Por exemplo: 08h00 – 08h30; 09h30 – 10h00; 10h30 – 11h00; etc...)

“Rezem o Terço todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra.”

Nossa Senhora em Fátima



Preencha o formulário no site  fundacao-ais.pt ou ligue para  217 544 000

SEMENTES DE ESPERANÇA - Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

PROPRIEDADE Fundação AIS
DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt
EDIÇÃO Alexandra Ferreira
FOTOS © AIS; © Louis-Xavier Durieux

CAPA *Mary and Jesus*, Bernadette Carstensen
PERIODICIDADE 11 edições anuais
IMPRESSÃO Gráfica Artipol
PAGINAÇÃO JSDesign
DEPÓSITO LEGAL 352561
ISSN 12, 2182-3928

São José ensina-nos o porquê do trabalho

Aleluia, aleluia! Fazei, São José, que levemos uma vida sem mancha, e que ela esteja sempre segura sob o vosso patrocínio. Aleluia!

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus (Mt 13,54-58)

Tendo chegado à sua terra, ensinava os habitantes na sinagoga deles, de modo que todos se enchem de assombro e diziam: “De onde lhe vem esta sabedoria e o poder de fazer milagres? Não é Ele o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? Suas irmãs não estão todas entre nós? De onde lhe vem, pois, tudo isto?” E estavam escandalizados por causa dele. Mas Jesus disse-lhes: «Um profeta só é desprezado na sua pátria e em sua casa.» E não fez ali muitos milagres, por causa da falta de fé daquela gente.

Celebramos hoje [1 de Maio] a Memória de São José Operário. Todos sabemos que o trabalho realmente pode ser fonte de santificação e meio de nos voltarmos

para Deus. É isso o que nos ensina São José Operário.

Mas a pergunta é: no dia-a-dia, as pessoas vivem o trabalho como obra de santificação, ou, na verdade, trabalham simplesmente afanadas, preocupadas com o pão que perece e passa, imersas na vida sem luz sobrenatural, sem presença divina que as ilumine? Eis a luz que nos vem da festa de São José Operário.

São José, trabalhador, carpinteiro e artesão, recebeu de Deus a graça de realizar a sua missão. Qual? A de ser chefe da Sagrada Família, a de dar a vida para proteger os dois maiores tesouros, Jesus e Maria. Ele recebeu de Deus a graça para os sustentar e proteger dos perigos. Foi exactamente nessa missão, um trabalho maravilhoso e sublime, que ele se santificou. Mas o que o santificou não foi propriamente o trabalho, e sim a presença de Jesus e de Maria.

Se analisarmos — digamos assim — de forma mais profunda e em linguagem

mais filosófica, poderíamos dizer que no trabalho de São José havia um aspecto material e outro formal.

Explico-me. Materialmente, o que José fazia eram bancos, mesas, cadeiras etc., mas isso não santifica ninguém nem evidencia o santo que ele era. Porquê? Porque o importante não é o *quê*, mas o *porquê*.

José não foi um simples artesão preocupado e obcecado com dinheiro, pensando consigo mesmo: “E eu como fico? E a minha família como fica? E agora como saio dessa situação?”. Se agisse assim, açoitado o tempo todo por necessidades materiais, seriam estas as razões do seu trabalho: “Eu trabalho, senão vamos passar fome; eu trabalho, senão vamos passar necessidade; eu trabalho, porque sou o salvador, e a salvação está no mundo material”.

No entanto, se mantemos o coração elevado — corações ao alto! — iremos trabalhar da melhor forma porque Jesus e a Virgem Santíssima estão connosco. Eles são a razão de ser do nosso trabalho. Nisso todos precisamos de ser imitadores de São José, em quem encontramos um grande modelo, um grande protector, nosso padroeiro, pai e senhor.

Ele ensina-nos a viver, sim, com as preocupações desta vida — por exemplo, a segurança física de Jesus e de Maria: “Vai, levanta-te e leva-os, pois querem matar o menino”, e foi José levá-los para o Egipto; ou o sustento físico de Jesus e Maria, e foi ele trabalhar pelo seu ganha-pão dia após dia; ou o bem-estar material deles, e foi ele bater à porta das casas de Belém, à procura de um lugar para a sua puríssima e virginal Esposa dar à luz o salvador do mundo... —, ou seja, ele teve as preocupações de um pai de família; mas o que fez de José o grande santo que ele é foi a graça de Deus, sobretudo pela presença de Jesus e de Maria.

Foi por eles que os seus actos corriqueiros e comuns se tornaram santificantes. Quando Jesus e Maria estão na nossa vida, no nosso dia-a-dia, o trabalho santifica-nos.

Adaptação de <https://padrepauloricardo.org/episodios/sao-jose-nos-ensina-o-porque-do-trabalho>

Superfície:783.562 km²**População:**

85,3 milhões

Religiões:

Muçulmanos: 98,2 %

Agnósticos: 1,2 %

Cristãos: 0,2 %

Outros: 0,4 %

Língua:

Turco

**TURQUIA****MANTENDO A CHAMA ACESA**

Louis-Xavier Durieux percorreu 11.000 km de bicicleta, ao encontro dos Cristãos isolados da Ásia central e dá testemunho dos encontros que mais o marcaram na Turquia.

Após semanas de estrada, chego finalmente a Istambul, a antiga Constantinopla, porta do Oriente e do Ocidente, fronteira fervilhante entre a Europa e a Ásia imensa. Alguns dias mais tarde, peço hospitalidade

numa pequena aldeia da Anatólia. É assim que encontro Alper. Tem 22 anos e vive sozinho numa casa modesta, onde apenas uma divisão é aquecida. A mãe morreu aos 49 anos, devido à COVID e o pai está preso.



Para além da Anatólia Central, estende-se a Capadócia com todas as suas antigas igrejas.

Tem pouco dinheiro, mas acolhe-me com uma generosidade comovente. Sem perder tempo, confia-me o seu segredo. Alper é cristão, crê em Jesus, mas vive a sua fé no escondivento. Nesta aldeia muito isolada, maioritariamente muçulmana, finge rezar na mesquita, seguir as práticas de todos, dado o medo de ser rejeitado ou denunciado. A sua fé, vive-a no silêncio e na prudência. Antes de partir, ofereço-lhe um terço e uma medalha milagrosa. Desfaz-se em lágrimas. Separamo-nos com uma emoção profunda, conscientes do que custa, por vezes, a fidelidade a Cristo.

O meu caminho prossegue através da imensidão turca. Atravesso a Anatólia Central e as suas primeiras estepes. Na Capadócia, descubro

estas centenas de igrejas primitivas onde os Cristãos se refugiavam outrora para fugir às perseguições. Os frescos, ainda visíveis nas paredes destas igrejas abandonadas, são testemunhos de uma fé ancestral.

ILHÉUS DE CRISTO

Mas é em Samsun que os meus encontros mais me marcam. Passo ali o Natal, acolhido por uma pequena comunidade católica animada por dois missionários maristas. Ali, encontro estes ilhéus de Cristo, bastiões avançados da Igreja, que tentam manter uma chama frágil nestas terras do Islão. Os padres e as irmãs vêm do fim do mundo: do Brasil, das ilhas Fiji, das ilhas Samoa, de África.



Encontro com os “ilhéus de Cristo” na pequena paróquia de Samsun.

A sua presença é um dom total, um despojamento radical ao serviço do Evangelho.

A Missa de Natal celebra-se sob vigília policial. Estão presentes cerca de 30 fiéis vindos de uma vintena de nacionalidades: iraquianos, sírios... A liturgia é celebrada em turco, o coro é animado por alguns jovens. Tudo é simples. De repente, irrompe um cântico em francês. Neste instante, longe de tudo o que conheço, tenho a sensação de reencontrar um pedaço do meu lar, um bocadinho de França no coração da Turquia.

Aqui, o Natal não se vive na intimidade dos lares. Depois da Missa partilha-se uma refeição, trocam-se presentes, ficamos juntos muito tempo. Esta comunidade não tem

outro refúgio a não ser a Igreja.

O meu caminho prossegue, em seguida, ao longo do mar Negro. Após vários dias, chego finalmente a Trabzon, último lugar onde, no meu percurso, existe uma comunidade católica. Está confiada à comunidade do Verbo Encarnado. Dois padres – um brasileiro e outro peruano – e três irmãs vindas do Egipto, do Brasil e da Argentina asseguram, ali, a vida paroquial. A comunidade está muito ligada à liturgia e à Eucaristia.

A história deste lugar abala-me. Há alguns anos, um padre italiano foi assassinado nesta mesma igreja, abatido por um islamista. No interior, descubro a sotaina exposta, ainda marcada pelas manchas de sangue. Os bancos sobre os quais ele



Em Trabzon, dois sacerdotes asseguram a vida da comunidade católica.

caiu continuam lá, portadores, eles também, dos estigmas da violência. Depois da Missa, vou dar um passeio com o padre peruano. Antes de deixar a igreja, tira o seu colarinho romano e a sua sotaina. Na rua, pede-me para falar em voz baixa, para não chamar a atenção. Conversamos sobre a fé, sobre a missão, sobre esta Igreja que avança com passos silenciosos. Com o coração apertado, deixo Trabzon, mas em acção de graças: do mundo inteiro vêm servidores de Deus para manter a fraca chama de uma fé respeitada pelo Islão. Retomo o meu caminho, rezando pelos que nestes últimos dias me ofereceram uma hospitalidade tão bonita.

Oração

Para que os Cristãos voltem a ser respeitados e acolhidos naquele que foi o berço do Cristianismo, nós Te pedimos Senhor.

A TURQUIA, BERÇO DO CRISTIANISMO

Foi em Antioquia, hoje chamada Antakya, que os Cristãos foram, pela primeira vez, chamados por esse nome e que o Apóstolo Paulo se instalou antes de partir para evangelizar a Ásia Menor. Foi também na Turquia que ocorreram os grandes Concílios e viveram os Padres Capadóciolos. Mas hoje, os Cristãos constituem uma excepção e são submetidos a opressões administrativas diárias.



VIRGEM MARIA, MÃE DA IGREJA – 25 de Maio

A memória da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja, recorda-nos que a maternidade divina de Maria se estende, por desejo de Jesus, à maternidade humana, ou seja, à própria Igreja, mediante um acto de consagração.

Em 2018, o Papa Francisco introduziu a celebração desta memória na segunda-feira, após a solenidade de Pentecostes, dia em que a Igreja nasceu. Este título dado a Maria não é novo. Em 1980, São João Paulo II convidou os fiéis a venerar Maria como Mãe da Igreja. Antes dele, a 21 de Novembro de 1964, São Paulo VI, na conclusão da terceira sessão do Concílio Vaticano II, declarou que a Virgem é “Mãe da Igreja”. Mais tarde, em 1975, a Santa Sé propôs a celebração de uma Missa votiva em honra da Mãe da Igreja, mas não entrou no calendário litúrgico. Além dessas datas, não podemos esquecer quanto o título de Maria, Mãe da Igreja, esteve presente na sensibilidade de Santo Agostinho e São Leão Magno; de Bento XV e Leão XIII, até aos nossos dias, quando, a 11 de Fevereiro de 2018, por ocasião do 160º aniversário da primeira aparição da Virgem em Lourdes, o Papa Francisco tornou obrigatória a memória da Virgem Maria, Mãe da Igreja.

“Junto à cruz de Jesus estavam, de pé, sua mãe e a irmã da sua mãe, Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena. Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: ‘Mulher, eis o teu filho!’ Depois, disse ao discípulo: ‘Eis a tua mãe!’ E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua.” (Jo 19,25-27).

Aos pés da Cruz

Maria “estava” aos pés da Cruz de Jesus. “Estava” é um verbo que indica presença, continuidade, modo de participar. Ao contrário dos discípulos, Maria acompanhou o seu Filho Jesus ao longo da Via Sacra. Maria enfrentou aquele momento com grande dignidade, sem nunca fugir dos acontecimentos da vida. Ela estava ali. Por isso, “Jesus confiou o discípulo amado à sua Mãe” e vice-versa.

Novo “eis-me aqui” de Maria

Maria é convidada pelo seu Filho a dizer um novo “Eis-me aqui”, um novo “sim” mais consciente e maduro. Por meio do seu estar “aos pés da Cruz”, amadureceu a sua experiência de fé e maternidade, que a tornou capaz de ir mais além. No fundo, desde o início, o coração de Maria esteve repleto de interrogações: “O que significava tal saudação” (Lc 1,29). Até diante de Simeão, surgiram questões: “Este menino está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal de contradição; uma espada trespassará a tua alma. Assim hão-de revelar-se os pensamentos de muitos corações.” (Lc 2,34-35). Maria e José “estavam admirados como o que se dizia dele” (Lc 2,33). A expressão “Eis-me aqui” de Maria não foi dita uma vez por todas, mas cresceu e amadureceu com os acontecimentos da vida, inclusive os da “Cruz”, sob a qual ela “estava”. Daí, com esta fidelidade reforçada, Maria recebeu uma nova missão, uma espécie de “suplemento” de maternidade, a ponto de se tornar “Mãe da Igreja”. Mãe, porque nos regenera na graça, desde que aprendamos a crescer na “medida de Cristo” (cf. Ef 4, 7-13).

Vida cristã ancorada no mistério da Cruz

A festa de Maria, Mãe da Igreja, “ajudará a recordarmos que a vida cristã, para crescer, deve estar ancorada no mistério da Cruz, na oferta de Cristo, na Virgem dolorosa, Mãe do Redentor e dos redimidos”, explica o Decreto. Como Maria soube “ficar” aos pés da Cruz, sem evitar ou fugir do esforço de compreender e sofrer, assim, como Mãe, soube “estar” ao lado de cada um daqueles que o Filho tornou seus filhos. Isso leva-nos a invocá-la como “Mãe da Igreja”:

Oração do Papa Francisco:

Ajudai, ó Mãe, a nossa fé. Abri o nosso ouvido à Palavra, para reconhecermos a voz de Deus e a Sua chamada. Despertai em nós o desejo de seguir os seus passos, saindo da nossa terra e acolhendo a sua promessa. Ajudai-nos a deixar-nos tocar pelo Seu amor, para podermos tocá-l’O com a fé. Ajudai-nos a confiar-nos plenamente a Ele, a crer no Seu amor, sobretudo nos momentos de tribulação e cruz, quando a nossa fé é chamada a amadurecer. Semeai, na nossa fé, a alegria do Ressuscitado. Recordai-nos que quem crê nunca está sozinho. Ensinai-nos a ver com os olhos de Jesus, para que Ele seja luz no nosso caminho. E que esta luz da fé cresça sempre em nós até chegar aquele dia sem ocaso que é o próprio Cristo, vosso Filho, nosso Senhor. (Papa Francisco, Lumen Fidei)



UM AMOR MAIS FORTE DO QUE QUALQUER DERROTA

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

“Este é o dia solene em que, depois da Sua Ressurreição e depois da glória da Sua Ascensão, Jesus Cristo Nosso Senhor enviou o Espírito Santo” (Santo Agostinho, *Sermão 271*, 1). Também hoje se renova o que aconteceu no Cenáculo: como um vento impetuoso que nos agita, como um estrondo que nos desperta, como um fogo que nos ilumina, desce sobre nós o dom do Espírito Santo (cf. Act 2, 1-11).

Como ouvimos na primeira leitura, o Espírito realiza algo extraordinário na vida dos Apóstolos. Após a morte de Jesus, eles enclausuraram-se no medo e na tristeza, mas agora recebem finalmente um olhar novo e uma inteligência do coração que os ajuda a interpretar o que tinha acontecido e a fazer a experiência íntima da presença do Ressuscitado: o Espírito Santo vence o medo, quebra as correntes interiores, alivia

as feridas, unge-os de força e dá-lhes a coragem de sair ao encontro de todos para anunciar as obras de Deus.

O trecho dos Actos dos Apóstolos diz-nos que havia em Jerusalém, naquele momento, uma multidão proveniente de vários lugares, mas que “cada um os ouvia falar na sua própria língua”. Eis que, então, na festa de Pentecostes, *as portas do cenáculo se abrem porque o Espírito abre as fronteiras*. Como afirmou Bento XVI: **“O Espírito Santo concede o dom da compreensão. Ultrapassa a ruptura que teve início em Babel – a confusão dos corações, que nos põe uns contra os outros – e abre as fronteiras. [...] A Igreja deve tornar-se sempre de novo aquilo que ela já é: deve abrir as fronteiras entre os povos e romper as barreiras entre as classes e as raças. Nela não podem haver esquecidos nem desprezados. Na Igreja existem unicamente irmãos e irmãs livres em Jesus Cristo”** (Homília em Pentecostes, 15 de Maio de 2005).

Eis uma imagem eloquente de Pentecostes sobre a qual gostaria de meditar convosco.

O Espírito abre as fronteiras principalmente dentro de nós. É o Dom que desvela a nossa vida para o amor. E essa presença do Senhor desfaz a nossa dureza, o nosso fechamento, o egoísmo, os medos que nos bloqueiam e o narcisismo que nos faz rodar apenas em torno de nós mesmos. O Espírito Santo vem para desafiar, em nós, o risco de uma vida que se atrofia, sugada pelo individualismo. É triste observar como num mundo onde se multiplicam as oportunidades de socialização, corremos o risco de ser paradoxalmente mais solitários, sempre conectados, mas incapazes de “fazer redes”, sempre imersos na multidão, mas permanecendo viajantes perdidos e solitários.

O Espírito de Deus, em vez disso, faz-nos descobrir uma nova maneira de ver e viver a vida: abre-nos ao encontro conosco próprios, para além das máscaras que usamos; conduz-nos ao encontro com o Senhor, educando-nos a experimentar a Sua alegria; convence-nos – segundo as próprias palavras de Jesus há pouco proclamadas – que só se permanecermos no amor, é que receberemos também a força para observar a Sua Palavra e, assim, sermos transformados por ela. Ele abre as fronteiras dentro de nós, para que a nossa vida se torne um espaço de acolhimento.

O Espírito, além disso, abre as fronteiras também nas nossas relações. Com efeito, Jesus diz que este Dom é o amor entre Ele e o Pai que vem habitar em nós. E quando o amor de Deus habita em nós, tornamo-nos capazes de nos abirmos aos irmãos, de vencer a nossa rigidez, de superar o medo em relação ao que é diferente, de educar as paixões que se agitam dentro de nós. Mas o Espírito transforma também os perigos mais ocultos que envenenam as nossas relações, como os mal-entendidos, os preconceitos, as instrumentalizações. Penso também – com muita dor – em quando uma relação é infestada pela vontade de dominar o outro, uma atitude que

frequentemente desemboca na violência, como infelizmente demonstram os numerosos e recentes casos de feminicídio.

O Espírito Santo, ao contrário, faz amadurecer em nós os frutos que nos ajudam a viver relações verdadeiras e boas: “amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, auto-domínio” (Gl 5, 22-23). Dessa forma, o Espírito alarga as fronteiras das nossas relações com os outros e abre-nos à alegria da fraternidade. **E esse é um critério decisivo também para a Igreja: só somos verdadeiramente a Igreja do Ressuscitado e discípulos de Pentecostes se entre nós não houver fronteiras nem divisões, se na Igreja soubermos dialogar e acolher-nos mutuamente, integrando as nossas diversidades, e se, como Igreja, nos tornarmos um espaço acolhedor e hospitaleiro para todos.**

Por fim, **o Espírito abre as fronteiras também entre os povos.** Em Pentecostes, os Apóstolos falam as línguas daqueles que encontram e o caos de Babel é finalmente pacificado pela harmonia gerada pelo Espírito. As diferenças, quando o Sopro divino une os nossos corações e faz-nos ver no outro o rosto de um irmão, não se tornam ocasião de divisão e conflito, mas um tesouro comum, do qual todos podemos tirar proveito e que nos coloca em caminho, todos juntos, na fraternidade.

O Espírito rompe fronteiras e derruba os muros da indiferença e do ódio, porque “nos ensina tudo” e “nos recorda as palavras de Jesus” (cf. Jo 14, 26); e, por isso, primeiramente ensina, recorda e grava nos nossos corações o mandamento do amor, que o Senhor colocou no centro e no cimo de tudo. E onde há amor, não há espaço para preconceitos, para distâncias de segurança que nos afastam do próximo, para a lógica da exclusão que vemos emergir, infelizmente, também nos nacionalismos políticos.

Justamente ao celebrar a Solenidade de Pentecostes, o Papa Francisco observou que “hoje, no mundo, há tanta discórdia, tanta divisão! Estamos conectados e, contudo, vivemos desligados uns dos outros, anestesiados pela indiferença e oprimidos pela solidão” (*Homilia*, 28 de Maio de 2023). As guerras que agitam o nosso planeta são um sinal trágico de tudo isso. **Invoquemos o Espírito do amor e da paz, a fim de que abra as fronteiras, derrube os muros, dissolva o ódio e nos ajude a viver como filhos do único Pai que está nos Céus.**

Irmãos e irmãs: o Pentecostes renova a Igreja e o mundo! Que o vento vigoroso do Espírito desça sobre nós e em nós abra as fronteiras do coração, nos dê a graça do encontro com Deus, amplie os horizontes do amor e sustente os nossos esforços pela construção de um mundo onde reine a paz.

Que Maria Santíssima, Mulher do Pentecostes, Virgem visitada pelo Espírito, Mãe cheia de graça, nos acompanhe e interceda por nós.



SANTUÁRIOS EM PORTUGAL

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima (Fátima)

IDENTIDADE E MISSÃO

O Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima dá expressão ao pedido de Nossa Senhora do Rosário, aludido já em 13 de Agosto de 1917 e expressamente indicado na aparição de 13 de Outubro desse ano a Lúcia de Jesus, Francisco Marto e Jacinta Marto: *“Quero dizer-te que façam aqui uma capela em minha*

honra, que sou a Senhora do Rosário” (Primeira Memória da Irmã Lúcia). A capelinha foi erguida em 1919 no local das aparições de 1917 na Cova da Iria e, desde então, o espaço do Santuário foi sendo edificado, em resposta ao significativo afluxo de peregrinos.

O Santuário de Fátima é local de peregrinação, que faz memória do seu acontecimento fundante, as aparições de Nossa Senhora aos três pastorinhos. O acolhimento pastoral dos peregrinos é elemento primordial da sua missão. O Santuário de Fátima custodia a mensagem do acontecimento de Fátima. É sua missão o estudo e a difusão desta mensagem, trabalhada como meio de evangelização em Portugal e no mundo. O Santuário de Fátima é, por vontade expressa da Sé Apostólica, um Santuário Nacional.

LUGARES DAS APARIÇÕES

Capelinha das Aparições

A Capelinha das Aparições é o “coração” do Santuário de Fátima. Foi no local onde se encontra a Capelinha que Nossa Senhora falou aos pastorinhos. Das seis aparições da Virgem Maria, cinco aconteceram neste local – Maio, Junho, Julho, Setembro e Outubro – onde, por indicação da Senhora, haveria de ser construída uma capela em sua honra, em 1919. Dinamitada na madrugada de 6 de Março de 1922, foi restaurada e reinaugurada em 13 de Janeiro de 1923. Embora sujeita a ligeiras alterações, a Capelinha das Aparições mantém os traços originais e característicos de uma ermida popular. O alpendre actual foi inaugurado aquando da primeira vinda de João Paulo II ao Santuário de Fátima, nos dias 12 e 13 de Maio de 1982.

A Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

A escultura de Nossa Senhora do Rosário de Fátima venerada na Capelinha das Aparições foi oferecida em 1920 por Gilberto Fernandes dos Santos, sendo benzida no dia 13 de Maio desse mesmo ano, na Igreja Paroquial de Fátima, e trazida para a Capelinha um mês depois. Foi solenemente coroada em 13 de Maio de 1946 pelo Cardeal Aloisi Masella, legado pontifício. A coroa preciosa, que a imagem ostenta apenas nos dias das grandes peregrinações, foi oferecida pelas mulheres de Portugal, em 13 de Outubro de 1942. É de ouro, pesa 1,2 kg e tem 313 pérolas e 2679 pedras preciosas. É exemplar único e de alto valor artístico e estimativo. Em 1989, foi nela encastoadada a bala extraída do corpo de João Paulo II após o atentado em Roma, no dia 13 de Maio de 1981, e por ele oferecida ao Santuário, em 26 de Março de 1984. Obra de José Ferreira Thedim, a escultura é de madeira (cedro do Brasil) e mede 1,04 m.

Loça do Cabeço

A Loça do Cabeço é o lugar onde, segundo as fontes fatimitas, se deram a primeira e a terceira aparições do Anjo aos videntes. As imagens que aí figuram são da autoria de Maria Amélia Carvalheira da Silva. A grade, em ferro forjado, é obra de Domingos Soares Branco.

Poço do Arneiro

Ao fundo do quintal da casa da Lúcia encontra-se o poço que se notabilizou pela segunda aparição angélica, no Verão de 1916. Foi também aí que a Jacinta teve uma visão do santo padre a chorar e a rezar de joelhos numa grande casa. As imagens aí existentes são obra da escultora Maria Irene Vilar.

Valinhos

Entre a 8.^a e a 9.^a estações da Via-sacra no Caminho dos Pastorinhos fica o local onde ocorreu a quarta aparição de Nossa Senhora, em 19 de Agosto de 1917. O monumento que assinala o evento foi construído com ofertas dos católicos húngaros. A imagem foi esculpida por Maria Amélia Carvalheira da Silva e o nicho em que se encontra foi arquitectado por António Lino.

LUGARES DE CULTO E ORAÇÃO

Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

A Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima ergue-se no local onde os três pastorinhos brincavam “*a fazer uma paredita*” no dia 13 de Maio de 1917 quando viram um relâmpago repentino que os surpreendeu e fez com que juntassem o rebanho, para regressarem a casa, com receio de que chovesse.

Colunata

O conjunto arquitectónico que a Colunata constitui é obra de António Lino. Composta de 200 colunas e meias colunas e 14 altares, integra uma Via-sacra com painéis em cerâmica. Sobre a Colunata, vêem-se 17 imagens, algumas de santos cujas congregações estão presentes em Fátima, outras daqueles santos que, pelos seus escritos e pregações, foram “apóstolos marianos”.

Recinto de Oração

O Recinto de Oração é uma ampla esplanada circunscrita pela Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e pela Basílica da Santíssima Trindade. Constitui-se como espaço convidativo à interioridade e à oração e congrega celebrativamente as grandes assembleias que em Fátima se reúnem.

Azinheira Grande

A Azinheira Grande é uma árvore com mais de 100 anos e foi a única dentre as que aí existiam que prevaleceu. Não foi sobre ela que Nossa Senhora apareceu, mas desde cedo ficou ligada às aparições. Com efeito, e como conta a Lúcia, foi justamente quando passavam junto a esta azinheira que os três pequenos pastores de Aljustrel viram pela segunda vez o relâmpago que precedeu a aparição de 13 de Maio. Nos meses seguintes, era à sombra da Azinheira Grande que os três pastorinhos rezavam o terço com as pessoas que os acompanhavam, preparando-se para receber a visita da Senhora.

Monumento ao Sagrado Coração de Jesus

O conjunto arquitectónico que sustenta a imagem do Sagrado Coração de Jesus encontra-se sobre a primitiva estrutura do fontanário que se construiu em sequência das perfurações aí efectuadas, decorrentes da necessidade de encontrar, na Cova da Iria, água para satisfazer os peregrinos. Esta é de bronze dourado e o seu autor não é conhecido. Foi oferecida por um peregrino. A localização deste monumento no centro geográfico do Santuário é significativa ilustração da centralidade de Jesus Cristo na mensagem de Fátima.

Basílica da Santíssima Trindade

A intenção de construir uma nova igreja no Santuário de Fátima remonta a 1973. Verificou-se, nessa altura, que a Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima não tinha já capacidade para acolher cabalmente os peregrinos, particularmente aos Domingos e outros dias de média afluência. A Igreja da Santíssima Trindade foi dedicada em 12 de Outubro de 2007 pelo Cardeal Tarcisio Bertone, então Secretário de Estado do Vaticano e legado de Bento XVI para o encerramento do 90.º aniversário das aparições de Nossa Senhora aos três pequenos pastores videntes. Em 2012, a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos concedeu a este templo o título de basílica.

Via-sacra no Caminho dos Pastorinhos e Calvário Húngaro

Com início na Rotunda de Santa Teresa de Ourém (Rotunda Sul) e seguindo o caminho habitualmente percorrido pelos pastorinhos, a Via-sacra no Caminho dos Pastorinhos termina no Calvário Húngaro – que foi originalmente designado por “Calvário Húngaro Cardeal Mindszenty” –, cuja capela é dedicada a Santo Estêvão, rei da Hungria.

In Santuário de Fátima

PORTUGAL

O lançamento em Lisboa do livro “Os Mártires do Novo Milénio”, de Robert Royal, trouxe, em Abril, a temática da perseguição aos Cristãos para a ordem do dia no nosso país. O autor, norte-americano, alertou para a ameaça terrorista que paira nomeadamente em África sobre as comunidades cristãs, ameaça que tem a marca do Islão radical, mas chamou também a atenção para outras realidades menos faladas, como a perseguição na China e os crimes de ódio cada vez mais frequentes na Europa. Os incêndios criminosos de edifícios religiosos em França são apenas um exemplo disso...

VATICANO

Leão XIV apelou ao fim das guerras, denunciou a indiferença face ao sofrimento e convocou uma vigília de oração na que foi a sua primeira mensagem de Páscoa como Santo Padre. Uma mensagem que ficou marcada pela frase: “quem tem armas nas mãos que as deponha”. “A Páscoa é uma vitória: da vida sobre a morte, da luz sobre as trevas, do amor sobre o ódio”, disse ainda o Santo Padre.

NIGÉRIA

Uma onda de violência no norte deste país africano durante o período pascal provocou, pelo menos, 26 mortos em três ataques distintos nos estados de Benue, Borno e Kaduna. Entretanto, quase em simultâneo, 31 cristãos foram resgatados pela polícia depois de terem sido raptados também na sequência de um ataque a duas igrejas.

CAMARÕES

D. Barthélémy Hourgo participou em Barcelona numa iniciativa de oração promovida pela Fundação AIS e denunciou o sofrimento dos Cristãos no seu país. Segundo o Bispo de Yagoua, o norte dos Camarões “está dominado por jihadistas desde 2012”, e por causa disso, explicou, a sua região está marcada “pela pobreza, insegurança e violação flagrante dos direitos humanos”.

● Dinamismo

● Inquietação

● Sofrimento

LÍBANO

“Esta não é uma guerra justa; é uma derrota para todos nós”, disse D. Jules Boutros, Bispo católico siríaco. O jovem bispo libanês disse à Fundação AIS, desde Beirute, no meio da guerra entre Israel e o movimento radical Hezbollah, que a situação que se vivia na região só podia ser descrita “como catastrófica”, criticando as consequências do conflito para toda a população, pois no curto espaço de apenas três meses o país passou a ter mais de 1,2 milhão de deslocados internos.

TERRA SANTA

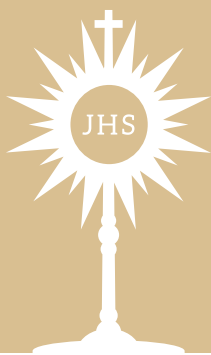
Depois de a polícia de Israel ter impedido o Patriarca Latino e o Custódio da Terra Santa de celebrarem Missa de Ramos no Santo Sepulcro, tanto o presidente da República como o Governo de Portugal condenaram de imediato esta situação, apelando aos responsáveis para o respeito integral do princípio da liberdade religiosa. Também a Fundação AIS Internacional manifestou “a sua preocupação” e exortou os fiéis a rezarem pela paz na Terra Santa e na Síria, país onde também foram canceladas algumas procissões no tempo pascal...

PAQUISTÃO

Comunidade cristã paquistanesa em choque com incidente grave que ocorreu na madrugada do Domingo de Páscoa, quando um camião em alta velocidade abalroou uma procissão com mais de duas centenas de fiéis na cidade de Gujranwala, provocando cerca de 60 feridos, alguns em estado crítico. As autoridades prenderam o motorista e estão a investigar o caso.

MOÇAMBIQUE

“Rezai por nós, ajudai-nos”, pediu o Bispo de Nacala face aos ataques jihadistas no norte do país. D. Alberto Vera esteve em Espanha num evento da Fundação AIS e relatou como na sua diocese os ataques do grupo jihadista “Estado Islâmico” têm levado o terror às populações. O Bispo falou numa “guerra maldita” e lembrou vários casos de martírio de cristãos no final do ano passado, que foram decapitados por não renegarem a sua fé.



CAPELAS DE ADORAÇÃO PERPÉTUA

*Adoração
24 horas*

SANTUÁRIO DE FÁTIMA

A adoração eucarística pode fazer-se, de forma individual, diariamente e em horário permanente, **na Capela do Santíssimo Sacramento.**

À quinta-feira, às 18h30, é celebrada nesta capela a Missa, assinalando o dia da instituição do sacramento da Eucaristia, fonte e centro de toda a vida cristã, e evidenciando a íntima e indissolúvel união entre a sua celebração e a sua adoração. Segue-se à Missa um momento de adoração comunitária do Santíssimo Sacramento.

À sexta-feira, às 17h30, a adoração eucarística faz-se comunitariamente.

Nas Peregrinações Internacionais Aniversárias, de Maio a Outubro, a Capela do Santíssimo Sacramento é temporariamente encerrada, na noite do dia 12 para o dia 13. Deseja-se, deste modo, valorizar a vigília nocturna da Peregrinação Internacional, procurando evitar a dispersão dos peregrinos.

Assim, nas Peregrinações Internacionais Aniversárias, a Capela do Santíssimo Sacramento é fechada às 21h30 do dia 12 (hora a que tem início a vigília, com a recitação do terço, na Capelinha das Aparições) e reabre às 07h00 do dia 13.

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

> Rua de Santa Isabel, 360, 2495-424 Fátima

> (+351) 249 539 600

> info@fatima.pt



Fundação AIS
ACN PORTUGAL

Rua Professor Orlando Ribeiro, 5 D, 1600-796 LISBOA
Tel 217 544 000 | IBAN: PT50 0269 0109 0020 0029 1608 8
fundacao-ais@fundacao-ais.pt | www.fundacao-ais.pt